

MAX SEECK

O CAÇADOR DE BRUXAS

Tradução de
FERNANDA OLIVEIRA



BERTRAND EDITORA
Lisboa 2021

CAPÍTULO 1

Levantou-se o vento e as esquinas da enorme casa de cimento afagado e vidro gemem sem parar. O barulho que vem do telhado foi-se tornando cada vez mais intenso; os leves estalidos fazem lembrar o crepitar de uma fogueira. A velocidade incrível a que as dunas brancas formadas no pátio desaparecem agora mostra bem a força das rajadas. Maria Koponen cinge o casaco de malha à volta do tronco e perscruta a escuridão através das janelas a toda a altura da casa. Fita o mar gelado, que nesta altura do ano se assemelha extraordinariamente a uma vasta planície, e depois o caminho aberto até à doca, iluminado por candeeiros de jardim à altura do joelho.

Maria enterra os dedos dos pés no tapete felpudo que cobre praticamente o amplo soalho de uma ponta à outra. O interior da casa está quente, como um casulo. Mesmo assim, Maria sente-se apreensiva, e esta noite até as mais ínfimas contrariedades lhe parecem estranhamente irritantes. Como aqueles candeeiros de jardim demasiado caros que continuam a não funcionar como deviam.

Maria desperta dos seus devaneios quando se apercebe de que a música parou. Passa pela lareira em direção à enorme estante, onde a coleção de quase quatrocentos discos do marido se encontra organizada em cinco filas. Ao longo dos anos, Maria habituou-se ao facto de, naquela casa, a música não ser reproduzida num *smartphone*. «O vinil soa muitíssimo melhor.» Foi o que Roger lhe disse uns anos antes, quando ela se deteve pela primeira vez diante da coleção. Nessa altura, havia ali mais de trezentos álbuns, menos uma centena do que agora. O facto de o número de discos ter aumentado pouco, em termos relativos, durante

a sua vida em comum leva Maria a pensar na vida que Roger viveu antes dela. Sem ela, Maria só esteve com um homem antes de Roger: um romance de liceu que a levava a casar jovem e terminara quando ela conhecera o marido, um escritor famoso. Ao contrário de Roger, Maria nunca gozou a vida de solteira. Às vezes, desejava ter tido também a oportunidade de vivenciar comportamentos irresponsáveis, de se encontrar a si mesma, de ter aventuras de uma noite... De ter liberdade.

Maria não se sente minimamente incomodada pelo facto de Roger ter mais dezasseis anos do que ela. Mas um pensamento começava a importuná-la: a possibilidade de despertar um dia com uma sensação de inquietude, uma sensação que não nos larga até mergulharmos vezes suficientes no desconhecido. E Roger já tivera a possibilidade de experimentar isso no passado. Então, de repente, nesta noite tempestuosa de fevereiro, andando sozinha de um lado para o outro na sua casa enorme à beira-mar, Maria vê isso pela primeira vez como uma ameaça. Um desequilíbrio que poderia fazer o barco da relação a dois adernar perigosamente, caso viessem alguma vez a enfrentar o olho de uma verdadeira tempestade.

Maria levanta a agulha do gira-discos, segura o disco de vinil entre as pontas dos dedos e enfia-o cuidadosamente na capa, onde um jovem artista com um blusão de camurça castanho e um lenço de xadrez preto e branco olha diretamente para a câmara, seguro de si e carrancudo. *Blonde on Blonde*, de Bob Dylan. Maria repõe o disco no lugar e tira outro ao acaso do final da coleção organizada por ordem alfabética. Passado um instante, após um breve crepitar, a voz harmoniosa e gentil de Stevie Wonder ecoa nos altifalantes.

E, nessa altura, Maria volta a ver a mesma coisa, desta vez pelo canto do olho. O candeeiro de jardim mais próximo da água apaga-se por um segundo e volta a acender-se.

Fica escuro durante uma fração de segundo apenas, tal como acontecera há instantes. Maria sabe que as lâmpadas dos candeeiros foram substituídas antes do Natal. Lembra-se bem disso, pois foi ela que pagou a fatura grosseiramente inflacionada do electricista, e é precisamente por isso que este assunto trivial desperta nela uma irritação desmesurada.

Maria pega no telemóvel e escreve uma mensagem para Roger. Não sabe bem por que motivo sente o impulso irresistível de incomodar o marido com um assunto daqueles, ainda por cima sabendo que ele está em cima de um palco naquele preciso momento, a falar para os seus leitores. Talvez tenha sido acometida por uma onda fugaz de solidão, misturada com alguma insegurança e uma inveja injustificada. Maria observa por um instante a mensagem enviada, à espera de que as setinhas na parte inferior fiquem azuis, mas isso não acontece; Roger não está a prestar atenção ao telemóvel.

Naquele momento, a agulha fica presa no disco: «O que estou prestes a... O que estou prestes a... O que estou...» A voz de Stevie Wonder parece insegura, graças à parte subtraída ao maravilhoso sentimento. Alguns dos discos de Roger estão em tão mau estado que não vale a pena guardá-los. *Caramba, será que nada funciona nesta casa?*

Maria sente uma onda de frio percorrê-la. Antes de ter tempo de processar o que acabou de perceber, olha lá para fora através das portas deslizantes e vê algo que não pertence ali. Por um instante, os contornos coincidem com os do seu reflexo, mas depois a figura move-se, transformando-se numa entidade distinta.

CAPÍTULO 2

Roger Koponen senta-se na cadeira estofada, de um tecido áspero que induz a transpiração, e semicerra os olhos. Os projetores suspensos do teto do auditório principal do centro de conferências incidem diretamente nos olhos de quem está no palco. Por momentos, a única coisa que vê é aquela luz ofuscante, esquecendo-se de que, diante dele e dos outros dois autores que o acompanham, estão sentados quatrocentos leitores ávidos que encheram o auditório para ouvir o que os seus escritores favoritos têm a dizer sobre as suas últimas obras.

Roger compreende que o evento é importante para promover o seu livro. Compreende o porquê de se ter dado ao trabalho de conduzir quatrocentos quilómetros por entre a neve para passar a noite numa espelunca situada na praça principal de Savonlinna, com um restaurante medíocre de *fast food* no rés do chão, que tem como incremento apenas as toalhas e o serviço de mesa. Mas o que Roger não compreende é a razão para a boa gente de Savonlinna se dar ao trabalho de aparecer numa noite como esta. Embora tenha vendido milhões de exemplares no mundo inteiro, nunca será um daqueles ídolos perseguidos por fãs aos gritos. Poucas pessoas refletem no facto de músicos e os escritores fazerem um trabalho muito semelhante (a mesma coisa, com uma embalagem diferente), mas que só os primeiros inspiram mulheres de meia-idade a atirar as cuecas para o palco. Mas as pessoas aparecem na mesma. Na maioria, pessoas mais velhas, que inclinam lentamente a cabeça para um lado e depois para o outro. Será que não se cansam das banalidades do tipo comentador desportivo e das análises superficiais que os autores fazem em relação às suas

obras? Ao que parece, não, uma vez que a lotação está esgotada: não há um único lugar por ocupar.

O *thriller* psicológico mais recente de Roger, lançado na primavera anterior, é o terceiro e último livro da sua popularíssima trilogia *Caça às Bruxas*. Os seus livros sempre venderam relativamente bem, mas a série *Caça às Bruxas* superou todas as expectativas. Ninguém previra um megassucesso daqueles, muito menos o seu agente, que inicialmente se revelara muito cético em relação ao projeto, ou a sua antiga editora, que Roger abandonara antes da publicação do primeiro livro devido à falta de confiança nas possibilidades de êxito da obra. Mas no espaço de poucos anos, os direitos de tradução da trilogia foram vendidos para quase trinta países, e a lista não acabava aí. Embora ele e Maria já vivessem desafogadamente, agora podiam comprar tudo o que quisessem. De repente, todos os luxos e prazeres possíveis estavam ao seu alcance.

A noite corre como previsto. Roger ouviu as mesmas perguntas centenas de vezes durante as digressões de promoção das suas obras e já respondeu em quatro línguas diferentes, modificando alternadamente a sua cadência, entoação e pequenos pormenores, com o simples intuito de se manter acordado por entre a nebulosa dos holofotes e do riso forçado.

— Os seus livros são muito violentos — diz uma voz, mas Roger não levanta os olhos do jarro que está a usar para encher o copo de água pela terceira ou quarta vez.

Também ouviu muito isto, e não há como negá-lo: as obras de Roger Koponen descrevem com grande realismo homicídios brutais, tortura sádica, violência sexual contra mulheres e incursões aterradoras pelos meandros de mentes depravadas.

— Fazem-me lembrar Bret Easton Ellis, que afirmou que a sua forma de lidar com a angústia existencial é fazer descrições pormenorizadas de episódios de violência nos seus livros — prossegue a voz.

Roger fixa-se então no homem sentado a meio do auditório, de microfone na mão. Roger leva o copo aos lábios e espera que ele faça a sua pergunta. Em vez disso, segue-se uma pausa embaraçosa de tão longa enquanto o homem se concentra.

— Tem medo? É por isso que escreve? — pergunta finalmente o homem numa voz monocórdica e aflautada.

Roger pousa o copo e olha com mais atenção para aquele espantoso careca. Surpreendente e interessante. A raiair o descarado. Aí estava uma pergunta que nunca lhe tinham feito.

Roger inclina-se, aproximando a boca do microfone flexível que se encontra sobre a mesa. Vá-se lá saber porquê, sente um acesso de fome naquele instante.

— Se tenho medo?

— Transpôs os seus próprios medos para os livros que escreveu? — pergunta o homem, e depois baixa o microfone para o colo. É um fulano irritantemente presunçoso. Nem sinal do respeito ansioso ou da reverência que a fama acarreta e a que Roger está acostumado.

— Muito bem — diz Roger, sorrindo pensativamente. Por um instante, esquece a pessoa que fez a pergunta e deixa o olhar vaguear pelo mar de rostos. — Creio que há sempre alguma coisa do autor que transparece na sua obra. Não podemos deixar de escrever sobre aquilo que sabemos ou pensamos que sabemos. Medos, aspirações, traumas, coisas que ficaram por fazer, e ainda, é claro, coisas que fizemos e para as quais arranjámos justificação com demasiada facilidade...

— Não está a responder à pergunta.

O homem magro voltou a levar o microfone aos lábios. Roger sente primeiro surpresa e depois irritação. *Mas o que vem a ser isto, algum interrogatório? Não tenbo de aturar estas merdas, independentemente das circunstâncias.*

— Importa-se de ser mais específico? — intervém Pave Koskinen, o incontornável crítico literário que organizou o evento e desempenha o papel de moderador. Não tem dúvidas de que cumpriu o seu papel com brio e entusiasmo, mas receia agora que o seu convidado especial, o popular autor de romances policiais que escreveu três *bestsellers* internacionais, se sinta ofendido.

Mas Roger levanta a mão de forma apaziguadora e sorri com ar confiante.

— Peço desculpa. Talvez não tenha percebido a pergunta. Se escrevo sobre aquilo que mais receio?

— Não, o inverso — replica o homem num tom extremamente frio. Alguém na primeira fila tosse de forma exasperada.

Roger esconde a sua perplexidade atrás de um sorriso idiota.

— O inverso?

— Sim, senhor Roger Kōponen — continua o homem mecanicamente, e a maneira como pronuncia o nome de Roger não é apenas sarcástica, mas vagamente arrepiante. — Tem medo do que escreve?

— Porque havia de ter medo dos meus próprios livros?

— Porque a verdade é mais estranha do que a ficção — replica o homem de rosto esquálido, e depois volta a sentar-se. Um silêncio constrangedor abate-se sobre a sala.

Passados dez minutos, Roger senta-se a uma mesa comprida coberta com uma toalha branca colocada no átrio, que fervilha de gente e tagarelice. O primeiro na fila dos fãs que esperam conseguir um autógrafo é Pave Koskinen. Quem mais poderia ser?

— Obrigado, Roger. Obrigado. E desculpe lá aquele idiota. Lidou muito bem com a situação. Infelizmente, nem toda a gente é dotada de aptidões sociais...

Roger sorri.

— Não há problema, Pave. Há sempre um assim em todo o lado. Só somos responsáveis neste mundo pelo nosso próprio comportamento. — Vê que Pave pousou os três livros da trilogia na mesa, para que os assine. Enquanto rabisca algo supostamente pessoal juntamente com o nome nas páginas do título, olha de relance para a fila serpenteante que se estende à sua frente e nota em silêncio que o maluco de rosto esquálido não está ali. Ainda bem. Era capaz de não conseguir lidar com a provocação cara a cara de forma tão diplomática.

— Obrigado, Roger. Obrigado. Temos mesa reservada no restaurante do hotel às nove horas. Fazem um *carré* de borrego espetacular. — Pave sorri e fica espedado diante de Roger, segurando os livros junto ao peito como uma colegial ansiosa. Roger acena lentamente com a cabeça e baixa os olhos para a mesa, como um prisioneiro que acabou de receber a sua sentença. Pave não devia ter dificuldade em perceber que Roger preferia retirar-se para o seu quarto. Com o tempo, começou a desprezar a conversa banal e a ingestão de vinho obrigatória, que, tanto quanto lhe é dado ver, não tem qualquer impacto nas vendas dos seus livros. Podia muito bem declinar o convite e deixar que o rotulassem de cretino antissocial.

— Parece-me bem — diz Roger com lassidão, contorcendo o rosto num sorriso quase credível.

Pave Koskinen anui com ar satisfeito, revelando dentes mais ou menos brancos, graças às coroas novas. Parece inseguro.

A seguir, chega-se para o lado, dando lugar à centopeia coleante de leitores agarrados aos seus livros.

CAPÍTULO 3

A inspetora Jessica Niemi apanha o cabelo preto que lhe dá pelos ombros num rabo de cavalo e calça um par de luvas de pele. Ouve-se um sinal sonoro quando abre a porta do passageiro; o motor ainda está a trabalhar.

— Obrigada pela boleia.

O homem ao volante boceja.

— Provavelmente, é melhor que ninguém saiba quem te trouxe.

Entreolham-se por um instante como se, de parte a parte, estivessem à espera de um beijo, mas nenhum dos dois dá o primeiro passo.

— Isto... não devia ter acontecido, caramba...

Jessica sai do carro e semicerra os olhos; o vento gélido fustiga-lhe o rosto. Caiu um forte nevão e os limpa-neves que estão a trabalhar na escola ainda não chegaram à orla marítima. Jessica fecha a porta do carro e vê uma grande casa contemporânea perfilada à sua frente: um jardim compacto, uma sebe de plantas vivazes aparada ao nível dos olhos, um portão de ferro forjado. Há duas carrinhas da polícia estacionadas em frente à casa e, a avaliar pelas sirenes que se ouvem ao longe, vêm mais a caminho.

— Olá! — Um homem que enverga o fato integral azul da polícia sai de trás de uma das carrinhas e vai ao encontro de Jessica. — Agente Koivuaho.

— Jessica Niemi. — Mostra o distintivo, mas os colegas fardados já a reconheceram. Ouviu algumas das suas alcunhas ao passar. *Inspetora Boazona. Lara Croft. PILF*¹.

¹ Por analogia com MILF (Mom I'd Like to Fuck), sendo que neste caso a primeira palavra é «Polícia». (N. da T.)

— O que aconteceu? — pergunta Jessica.

— Caramba... — Koivuaho tira o gorro azul-marinho e esfrega a careca.

Jessica espera pacientemente que o agente se recomponha. Olha de relance para a casa e vê a porta de entrada aberta.

— Recebemos o telefonema às vinte e duas e quinze. Eu e o Taskinen estávamos muito perto, por isso fomos a primeira patrulha a chegar. — Koivuaho indica que Jessica o siga e passa o portão. Ela assim faz, cumprimentando os agentes que aguardam junto à carrinha com um aceno de cabeça.

— O que disse a central?

— Disseram-nos que havia uma ameaça de suicídio nesta morada — relata Koivuaho enquanto sobem os degraus do alpendre. Formou-se uma poça de neve derretida no lajedo da entrada. O vento esmorece por um segundo e Koivuaho continua. — A porta estava aberta, por isso entrámos.

Só então, sob a luz forte do alpendre, é que Jessica se apercebe da dimensão do medo estampado nos olhos daquele homenzarrão. Fecha e abre os dedos doridos e permite-se formar uma imagem da situação com base no pouco que lhe disseram há instantes, ao telefone.

— Não há mais ninguém em casa? — pergunta, embora saiba que a resposta vai ser negativa.

Koivuaho abana a cabeça solenemente e volta a enfiar o gorro de lã, puxando-o sobre as orelhas.

— Verificámos ambos os pisos. Devo dizer que nunca tinha sentido o coração tão acelerado. Para não falar da maldita música que vinha dos altifalantes.

— Música?

— Parecia pouco adequada à situação... demasiado melodiosa.

Koivuaho entrega a Jessica o equipamento de proteção básico: luvas, máscara facial, um par de protetores de sapatos descartáveis. Ela inclina-se para enfiar as bolsas de plástico azul por cima das sapatilhas pretas. O seu coldre desliza ligeiramente em direção ao chão.

— Onde está o corpo?

— Tentámos não contaminar o local — diz Koivuaho, e depois tosse para o punho fechado. Jessica afasta uma madeixa de cabelo

húmido da testa e dirige-se às janelas panorâmicas que dão para o mar. Passa por uma casa de banho e pela cozinha antes de entrar na sala, onde as paredes são todas de vidro. As luzes de emergência lá fora entram através das enormes vidraças e fazem o recheio da casa pulsar a azul em sintonia com o bater do seu coração. O espaço assemelha-se demasiado a um aquário para ser confortável, mas quando Jessica vê a figura sentada à cabeceira da mesa, desiste abruptamente de avaliar a dimensão estética da sala.

Jessica detém-se e tenta perceber por que razão a mulher sentada muito direita na cadeira tem um ar tão incrivelmente natural. Aproxima-se mais uns passos e sente um nó no estômago.

— Alguma vez tinha visto uma coisa tão macabra? — pergunta Koivuaho algures por trás de Jessica, mas ela nem ouve a pergunta. O rosto da mulher morta está contorcido num sorriso histérico. Até os olhos se riem. A expressão contrasta vivamente com o facto de a mulher ter perdido a vida poucos momentos antes. Enverga um vestido de *cocktail* preto, cuja característica mais notória é um decote profundo, e tem as mãos entrelaçadas sobre a mesa. Aliás, não há mais nada em cima da mesa. Nem telefone, nem arma. Nada.

— Vi se tinha pulso e não toquei em mais nada — diz Koivuaho, e desta vez Jessica vira-se para olhar para ele. Em seguida, aproxima-se cautelosamente da mulher e inclina-se para examinar o rosto distorcido num esgar forçado.

— Mas que raio...? — murmura Jessica tão baixinho que a única pessoa que podia ouvi-la seria a mulher, se estivesse viva. Jessica olha para baixo e observa rapidamente que os pés descalços foram cruzados debaixo da cadeira e um par de sapatos de salto-agulha *Jimmy Choo* em preto mate foi colocado no chão, junto à cadeira. Tanto as unhas dos pés como as das mãos foram pintadas de preto brilhante.

— Koivuaho! — diz ela finalmente, voltando a olhar para a expressão de euforia forçada no rosto da mulher.

— Sim?

— Disse que se tratava de um homicídio. Embora isto não se assemelhe ao suicídio típico, a verdade é que...

— Merda! — Koivuaho engole em seco e avança uns quantos passos em direção à mesa. Um fio de suor escorre-lhe pela têmpora

saliente, passa por trás da orelha e desaparece entre o pescoço grosso e a gola do fato inteiro. Parece evitar o contacto visual com a mulher inerte enquanto prossegue timidamente — Não lhe disseram? O telefonema para o número de emergência...

Jessica está a ficar impaciente.

— Sim?

— Não foi ela que o fez. — Koivuaho detém-se uns segundos para humedecer os lábios ressequidos. Jessica sabe o que ele está prestes a dizer, mas mesmo assim estremece ao ouvi-lo. — Foi um homem.

CAPÍTULO 4

Roger Koponen bebe o resto do seu calvados, fá-lo circular delicadamente na boca e não sente o mais pequeno vestígio de maçã ou pera. Zurrapa barata. Mesmo assim, a refeição em si foi uma surpresa positiva, embora isso não se deva aos organizadores, mas sim a Alisa, a gerente de trinta e tal anos de uma livraria local. Uma giraça que soube tirar partido do seu bonito palmo de cara e do riso melodioso, mantendo uma figura invejável. *CrossFit*. Ela mencionara a modalidade ao explicar que o ex-namorado se tinha esquecido da chave do apartamento localizado no terceiro andar e que conseguiram lá entrar empilhando mobiliário de jardim e... blá-blá-blá. *O que é que isso interessa?* Em vez de prestar atenção aos pormenores da história, Roger observava os lábios discretamente humedecidos com *gloss* a formar as palavras. A parte mais importante foi ficar a saber que, uns meses antes, o namorado que entrava na história adquirira o prefixo «ex», fosse por iniciativa sua, de Alisa, ou por comum acordo de ambos.

A forma como ela olhava para Roger era típica das mulheres solteiras de trinta e tal anos, indecisas entre perpetuar a juventude e o desejo crescente de se reproduzir. Roger gosta de ser alvo de atenção. Na sua juventude, nunca foi mulherengo; antes pelo contrário, para dizer a verdade. A sua interação com o sexo oposto tivera um início infeliz durante a adolescência, tendo precisado de quase duas décadas para superar a desilusão inicial. Em jovem, Roger era demasiado estranho e diferente para as mulheres da sua idade e só quando entrara nos quarenta é que começara a ter confiança genuína na sua aparência e no seu charme. Tanto assim que agora conseguia aceitar que a mulher

sentada à sua frente fizesse olhinhos a ele, e não ao sócia de Shia La-Beouf que estava de pé atrás a servir mais um cálice daquela zurrapa.

A idade trouxe a Roger sucesso, dinheiro, autoconfiança e, acima de tudo, aquele tipo de carisma que um bronzado artificial, abdominais definidos e uma cabeleira farta são incapazes de produzir por si só. As mulheres desejam-no. Tal como muitos sedutores inveterados, encontrou o seu segmento, o tipo de mulher que nunca deixa de conseguir. Maria acabou por se juntar ao clube, e Alisa, a gerente da livraria, também irá inevitavelmente lá parar.

— Serei a única pessoa que ainda não leu a trilogia da *Caça às Bruxas*? — pergunta Alisa com uma gargalhada.

Os sicofantas sentados à volta da mesa manifestam ironicamente a sua reprovação e fazem coro com ela. Alisa bebe um gole de vinho e lança um olhar divertido a Roger por detrás do copo, encolhendo os ombros de forma conciliadora, como se tivesse acabado de atingi-lo na nuca com uma bola de neve. Está a usar a provocação para se insinuar. E Roger acha isso incrivelmente sensual. Sente o prenúncio de uma ereção e considera a possibilidade de se levantar da mesa e ir à casa de banho dos homens. Alisa iria atrás dele, sem dúvida. Podia dar uma «voltinha» com a pequena livreira sem ter de vê-la depois deitada ao seu lado na cama do hotel e sem ter de arranjar algo de pessoal e profundo para discutir quando não houvesse mais nada para falar.

— Está em minoria, Alisa — diz Pave Koskinen ao seu lado, com a colher cheia de gelado derretido da sobremesa. — Parece que não há leitor que se preze que não a tenha lido. Até pessoas que nunca leram romances policiais.

Roger pousa o copo e sorri para Pave, certo de não ter conseguido esconder a sua repulsa com o sorriso falso. O chato do velho perdeu o que restava da sua dignidade ao recusar pôr de lado a bajulação e ao tentar salvar o seu convidado de um remoque que, com a sua deplorável falta de discernimento social, não consegue reconhecer como dança de acasalamento.

— Vou empoar o nariz. — Alisa limpa os cantos da boca com o guardanapo, como se a etiqueta assim o exigisse, e levanta-se.

Os olhos de Roger seguem-na enquanto dá a volta à mesa com os seus sapatos de salto alto e, ao passar por ele, roça-lhe discretamente

as costas. Um gesto desnecessário, pois as intenções são óbvias. Roger dedica uns instantes a observar os dinossauros sentados à mesa e vê que apenas Pave desviou o olhar vago para seguir Alisa. *Afinal, também está vivo, Pave.* Roger acaricia o pé do copo de calvados e pensa no seu próximo passo. Já passaram mais de seis meses sobre o último incidente. Desde essa altura que prometera inúmeras vezes a si mesmo não voltar a enganar Maria com outras mulheres, pelo menos em situações onde o risco de ser apanhado fosse maior que a tentação. Este é um caso-limite. O desejo que arde nos olhos da jovem mulher torna-a particularmente intrigante e, ao longo do jantar, deu para perceber que não vale a pena ter expectativas de uma ligação mais profunda. Pimba, já está, toca a andar. Só precisa de uns minutos.

Roger empurra a cadeira para trás, solta um suspiro, que quase se percebe ser de excitação, e levanta-se. Olha para as horas no telemóvel e vê que recebeu três chamadas de um número desconhecido e uma mensagem de Maria no WhatsApp. Há duas horas. *As luzes do jardim continuam sem funcionar!* Por baixo, um *emoji* a chorar e uma cara zangada cor de laranja.

Roger sente um nó no estômago. O facto de ter problemas de consciência devido ao seu comportamento não o faz sentir menos sacana. Roger percebe de repente que foi um erro casar-se com Maria apenas por não querer que mais ninguém se envolvesse com a sua conquista. Ele sabe que qualquer homem de meia-idade daria um rim para poder envelhecer ao lado de uma mulher como Maria. E, no entanto, vai a correr atrás da rapariga da livraria.

Não te preocupes. Trato disso amanhã. Roger espera um instante para ver se Maria lê a mensagem, mas, ao ver que não o faz, volta a enfiar o telemóvel no bolso.

— Se me dão licença — diz, sem invocar qualquer álibi, e afasta-se. Só depois de sair da sala de jantar privada é que ouve os outros retomarem gradualmente a conversa. Não param de dizer que foi uma noite magnífica e que têm a certeza de que Roger também considerou o evento um sucesso. O restaurante está vazio, tirando eles, e Roger atravessa a sala deserta em direção aos lavabos. Passa pela receção, acena à rececionista que acabou de atender o telefone e localiza a porta da casa de banho das senhoras. Foi deixada ligeiramente entreaberta.

Sente o coração bater com mais força e imagina-se, em breve, a levantar-lhe o vestido preto e branco até à cintura, a puxar-lhe a cuequinha para o lado e a penetrar a jovem mulher, tapando-lhe a boca com a mão para que não desperte a curiosidade dos outros convivas.

Mas no preciso instante em que vai para agarrar no puxador da porta, ouve uma voz atrás de si e fica paralisado, como um adolescente prestes a sair à socapa para uma festa que é surpreendido pela voz irada da mãe. Mas o tom desta voz não é de censura, parece até compungido. Pertence à rececionista.

— Desculpe, é o senhor Roger Koponen, não é? — pergunta ela de uma distância segura.

— Sim — replica Roger, perguntando-se se será credível alegar que confundiu o símbolo na porta a representar a silhueta de uma pastora.

— Tem um telefonema.

Roger nota que a rececionista parece preocupada. *Um telefonema? Sentido de oportunidade fantástico!* E antes que ele possa perguntar, ela prossegue:

— É a polícia.

— O quê? — A pergunta escapa rudemente da boca de Roger; está simultaneamente surpreendido e desapontado. Da casa de banho das senhoras chega o som de saltos altos a bater no chão de mosaico.

— A polícia está ao telefone. Disseram que vem alguém a caminho.

— Que...

— A sua mulher. Tem a ver com a sua mulher.